

Português de Almojarife, São Tomé: sentenças
relativas com relativizadores *ku* e *com*

*Portuguese spoken in Almojarife, Sao Tome: relative
clauses with “ku” and “com” [with]*

Carlos Filipe G. Figueiredo *
Universidade de Macau, Macau, China

Resumo: O presente trabalho analisa a elaboração de sentenças relativas com recurso aos relativizadores “ku” e “com” no português da comunidade bilingue (português e santome) de Almojarife, São Tomé, procurando determinar as motivações que subjazem a essas construções.

Palavras-chave: Português de Almojarife (São Tomé). Sentenças relativas. Relativizadores “ku” e “com”. Variação linguística. Transmissão linguística irregular.

Abstract: This paper analyses the relative clauses with “ku” [substrate relativizer] and “com” [with] in the Portuguese of Almojarife, spoken by the community of Almojarife, São Tome island, aiming to uncover which motivations trigger the use of those relativizers.

Keywords: Portuguese of Almojarife (São Tome Island). Relative clauses. “Com” [with] and “ku” relativizers. Linguistic variation. Imperfect language shift.

* Professor do Departamento de Português da Universidade de Macau – UM, Macau, China. É também vice-presidente da ACBLPE – Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola; carlosfg@umac.mo

1 APRESENTAÇÃO¹

Este trabalho aborda, sincronicamente, alguns aspectos da realização de sentenças relativas (doravante, SREL's) com as formas “ku” e “com” no Português da comunidade de Almoxarife (doravante, PA)², zona costeira oriental de São Tomé, adquirido em situação de contato nos séculos XIX/XX e sujeito a *transmissão linguística irregular* (*imperfect language shift*). Assumindo que a gramática das línguas é construída “através das restrições impostas pelos princípios universais inatos, seja em aquisição de L1, de L2 ou de criouliização” (Ribeiro, 2009, p. 186), levaram-se a cabo comparações com o padrão de elaboração de SREL's na fala de comunidades rurais afro-brasileiras isoladas (p.e. Ribeiro, 2009; Lucchesi, 2010),³ por nós designadas de afro-indígenas – veja nota de rodapé 5 –, também sujeitas a contato linguístico e *transmissão linguística irregular*, e do português (doravante, PTG)⁴ (p.e. Brito & e Duarte, 2006 [2003]), mas que não possuem estratégias de relativização com recurso aos relativizadores referidos. Assim, as observações constituem duas partes distintas no presente trabalho, com vista a avaliar não apenas as semelhanças e/ou dissemelhanças entre os padrões analisados mas também, e essencialmente, os seguintes aspectos pertinentes no que concerne à questão da formação deste tipo de relativas no PA:

- (i) até que ponto o conjunto de princípios linguísticos abstrato-cognitivos patententes na comunidade de Almoxarife interage com fatores sócio-discursivos, levando determinadas interferências a estruturarem alternância não-arbitrária de códigos (*code-switching process*) que emerge na altura da interação verbal (Myers-Scotton, 1997);
- (ii) observar quais as estratégias de relativização de maior uso aplicando as formas “ku” e “com” no PA, quer para identificação das restrições universais que intervêm na formação de SREL's (cf. Keenan & Comrie, 1977) com estes relativizadores quer

1 Este artigo resulta de um *paper* apresentado pelo autor no 12º Encontro Anual da ACBLPE – Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola, Universidade do Porto, Porto, 7-8 de Julho, 2011. O autor agradece o apoio financeiro da Universidade de Macau, sem o qual a apresentação do trabalho não teria sido possível, e as sugestões dos pareceristas, mas assume a responsabilidade de quaisquer problemas que persistam.

2 Para o conceito de conceito de comunidade, ancorou-se na proposta de Oliveira *et al.* (2011, p. 130), que não reduz o termo a aspectos como a cor da pele ou a populações isoladas estritamente homogêneas e/ou ligadas a locais arqueológicos, antes o torna abrangente em termos da constituição de sociedades miscigenadas. Para informações detalhadas acerca da comunidade de Almoxarife, seu historial e particularidades sociolinguísticas, sugere-se a leitura de Figueiredo (2010, p. 59-98).

3 Ribeiro (2009) e Lucchesi (2010) discutem a sintaxe das sentenças relativas da fala das seguintes localidades do interior da Bahia: Cinzento, Rio de Contas, Sapé e Helvécia.

4 Por PTG entenda-se o português norma padrão, quer de Portugal quer do Brasil.

para observação do comportamento destas SREL's relativamente às do PTG e do português de determinadas comunidades rurais afro-indígenas isoladas.⁵

Iniciamos o trabalho com a apresentação dos informantes (Seção 2), cujos dados linguísticos em observação foram atomística e quantitativamente tratados recorrendo-se ao pacote de programas estatísticos GOLDVARB X (Sankoff; Tagliamonte & Smith, 2005). Refere-se também a metodologia aplicada, que visa possibilitar a comparação das tendências de uso das formas “ku” e “com”, e, com tal, entender as motivações que determinam a sua aplicação. Na Seção 3, teoriza-se em torno das alternâncias de códigos e interferências que poderão determinar a construção de SREL's sincréticas com os relativizadores “ku” e “com”, avançando-se ainda algumas conclusões parciais. Em concomitância com os resultados fornecidos pela ferramenta de estatísticas e de acordo com teorias linguísticas já trazidas à luz, analisaremos, na Seção 4, as estratégias de relativização e tipo de SREL's em uso no PA com recurso a estes dois relativizadores. Para tanto, segue-se o paradigma de outros estudos já efetuados sobre SREL's no PTG e na fala de comunidades rurais afro-indígenas isoladas, mas com relativizadores padrão. Nesta mesma seção, são também apresentadas as variáveis linguísticas dependentes e independentes constituídas, com exemplos de SREL's com “ku” e “com”. A seção é fechada com mais algumas conclusões parciais, a que se seguem, na Seção 5, as conclusões gerais do estudo.

2 CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES E METODOLOGIA

O estudo quantitativo incidiu sobre a língua-E de um *corpus* constituído com recurso a 18 extensas entrevistas recolhidas entre Fevereiro e Maio de 1998.⁶ A quantificação dos dados foi efetuada recorrendo-se ao pacote de programas GOLDVARB X (Sankoff; Tagliamonte & Smith, 2005), tendo-se em conta a questão da “representatividade”, isto é, a distribuição equitativa dos informantes de acordo com as seguintes variáveis sociais: sexo, idade e nível de escolaridade. Assim, obtiveram-se dados a partir da fala de almoxarifanos escalonados de acordo com a Tabela 1.⁷

5 Sobre o conceito de “afro-indígena”, consulte-se Figueiredo & Oliveira: 2013: 113, apud Oliveira et al., 2015.

6 O *corpus* em questão faz parte do projecto “*Semi-creolization: testing the hypothesis against data from Portuguese-derived languages of São Tomé (Africa)*”, dirigido por Alan N. Baxter (Universidade Federal da Bahia), mas à época integrando os quadros de La Trobe University, Victoria, Australia e Universidade Federal da Bahia, Brasil. O trabalho de campo foi realizado pelo próprio, com a colaboração de Dante Lucchesi (Universidade Federal da Bahia, Brasil) e Nara Barreto (La Trobe University, Victoria, Australia, à época).

7 Sobre as variáveis linguísticas analisadas no presente trabalho, veja Seção 4 e suas respectivas subseções.

Como o objetivo deste trabalho não é analisar a variação das SREL's em relação às formas padronizadas do PTG, mas antes procurar entender as motivações que subjazem ao uso dos relativos e coordenadores/subordinadores “ku” e “com” no PA, abstivemo-nos de indicar os resultados em termos de pesos relativos, que se revelam bastante fiáveis para estudo do efeito exercidos pelas diferentes variáveis linguísticas e extralinguísticas no fenómeno da variação. Deste modo, limitar-nos-emos a apresentar os valores percentuais fornecidos pela ferramenta GOLDVARB X, de forma a podermos observar também quais as frequências de uso de uma e de outra forma.

Tabela 1. Informantes de Almoxarife: aspectos sociais.

Código informante	Escalão etário	Sexo	Ensino	Duração entrevista
[OSVALH1]	FE1 (20-40)	Masc.	4ª classe	01:00:28
[ZECAH1]	FE1 (20-40)	Masc.	4ª classe	01:10:00
[CASTEH1]	FE1 (20-40)	Masc.	8º ano	00:59:14
[ANTOM1]	FE1 (20-40)	Fem.	8º ano	01:04:45
[DULCEM1]	FE1 (20-40)	Fem.	3ª classe	00:56:20
[CARMOM1]	FE1 (20-40)	Fem.	8º ano	01:06:19
[ABILH2]	FE2 (41-60)	Masc.	4ª classe	01:08:59
[LUIH2]	FE2 (41-60)	Masc.	Analfabeto	01:25:57
[MAURIH2]	FE2 (41-60)	Masc.	3ª classe	01:03:28
[CLOTIM2]	FE2 (41-60)	Fem.	4ª classe	01:02:36
[FRANCM2]	FE2 (41-60)	Fem.	Analfabeta	00:56:28
[MANEVEM2]	FE2 (41-60)	Fem.	Analfabeto	01:01:10
[CELESH3]	FE3 (+60)	Masc.	3ª classe	01:04:44
[MANOH3]	FE3 (+60)	Masc.	Analfabeto	01:02:55
[SALVH3]	FE3 (+60)	Masc.	Analfabeto	01:10:53
[PRINCEM3]	FE3 (+60)	Fem.	Analfabeta	01:15:05
[MMDEUSM3]	FE3 (+60)	Fem.	Analfabeta	01:11:51
[MINISM3]	FE3 (+60)	Fem.	1ª classe	01:08:16

3 CODE-SWITCHING COM RECURSO AO ELEMENTO [KU]

Uma das características das línguas resultantes de *transmissão linguística irregular* é a manutenção do tipo ternário no uso da variação gramatical (Vertentes do português popular do Estado da Bahia, 2014), que afeta também o sistema de relativização do PA. Deste modo, convivem na gramática dos almoxarifanos formas da língua-alvo (doravante, LA), da variante proveniente do processo de reestruturação gramatical (ambas realizadas no exemplo (1a)) e da variante zero (exemplo (1b)):

(1) PA:

- a. dia **ku** ele tem, ele dá, mas dia **que** ele não tem, ele não tem mesmo [SALVH3]⁸
 ↳ variante reestruturada ↳ variante da LA
 “nos dias (em) **que** ele tem, ele dá, mas nos dias (em) que ele não tem, ele não tem mesmo – PE”
- b. baxo dessa rocha fica com vulcão [OSVALM1]
 ↓
 ∅ → “variante zero
 “debaixo dessa rocha que fica junto do vulcão – PE”

No caso concreto da elaboração de relativas com a forma [ku], que, quanto ao som, estabelece uma relação de paronímia com o item [kə] do português europeu (doravante, PE), estaremos perante situações de interferência/transferência a partir do relativizador “ku” do substrato do PA, o crioulo santome:

(2) SANTOME:

- | | | | | |
|-------|-----|-----------|-------|-------------------------|
| Floli | se | ku | sa | i (Ferraz, 1979, p. 74) |
| Flor | DEM | REL | estar | aqui |
- “esta flor **que** está aqui – PE”

Segundo o Princípio da Coesão Estrutural (Haiman, 1983), estruturas de uma mesma gramática co-ocorrem com maior propensão nos nódulos mais coesos (internos a um único constituinte), e não tanto nos nódulos mais periféricos, ou seja, nos que estabelecem relação de especificador/núcleo. Tendo também em conta que, no PTG, as SREL's introduzidas por um relativizador do tipo “que” se produzem periféricamente à estrutura do núcleo nominal, reúnem-se condições

8 Os códigos atribuídos aos informantes e colocados entre parêntesis no final do exemplo de fala têm como objectivo, por questões éticas, a salvaguarda das suas verdadeiras identidades.

para que idênticas estruturas do substrato se transfiram para o português L1 nativizado durante o seu processo de reestruturação. Este aspecto é reforçado pelas constatações que apontam os fenómenos de simplificação, transferência e reanálise como sendo responsáveis por alternâncias não-arbitrárias de códigos a nível interfrásico (determinadas por fatores sociais e discursivos) e intrafrásico (determinadas por princípios sintáticos) (Belazi; Rubin & Toribio, 1994) dos falantes bilingues. Por sua vez, essas alternâncias são também reguladas por mecanismos inerentes à interação verbal (Pfaff, 1979; Poplack, 1980; Romaine, 1988; Myers-Scotton, 1997) e resultantes da competição entre gramáticas (Lucchesi & Ribeiro, 2009). Portanto, os almoxarifanos, bilingues em português e santome, são capazes de falar só numa destas línguas (Figueiredo, 2010), mas poderão também buscar primeiro as palavras do léxico menos ativado (Soares & Grosjean, 1984; Paradis, 2001), apresentando interferências latentes do santome no PA. Daí resultam sentenças a partir das regras de uma das gramáticas e que se combinam com estruturas da outra gramática. Como tal, é possível inferir que a transferência do relativizador “ku” será determinada por aspectos sociodiscursivos, e não por questões de ordem sintática.

Casos evidentes de *code-switching* acontecem também, por exemplo, no uso dos pronominais sujeito do PA, afectando significativamente a fala dos mais idosos (exemplo (3)), mas ocorrendo também no discurso dos mais novos:

- (3) PA:
- | | | |
|-----------------|-------------|--|
| Aquel tempo | bô | com pouco dinheiro passava bem [CELESH3] |
| Naquele tempo | 2SG | com pouco dinheiro passava bem |
| “Naquele tempo, | você | com pouco dinheiro passava bem – PE” |

Nestes casos, estaremos perante situações de fossilização leve que ocorrem por períodos de duração mais ou menos longos (Sims, 1989),⁹ mas que indiciam também que os fatores linguísticos e extralinguísticos, que intervieram na instanciação de novos/errados parâmetros (cf. Gonçalves, 2004) na fase de aquisição massiva do português L2, poderão não possibilitar o restabelecimento paramétrico no português L1 nativizado (cf. Hawkins & Chan, 1997; Hawkins, 2001; Franceschina, 2003).

Dado que o elemento “ku” activa situações de *code-switching* interfrásico, verifica-se uma ampliação e diversificação das suas funções gramaticais, seguindo, por vezes, paradigmas que ocorrem também no santome (p.e. coordenação,

9 Sims (1989, p. 70) atribui às fossilizações temporárias a designação de fossilizações suaves (*soft fossilizations*) ou *jellifications*.

exemplos (4) e (5)) e que, no PA, acabam ampliando igualmente as do item preposicional “com” (exemplo (7)) durante o processo de reestruturação do elemento “ku” para “que”, dadas as semelhanças fônicas entre todos eles:

(4) SANTOME:

m-pesa	kwe	ka	sobe (Ferraz, 1979, p. 65)
1SG-pensar	INTG (KWE < KU E) ¹⁰	FUT	chover
“eu penso	que vai chover – PE”		

(5) PA:

de vez quando	ku gente quero	ku	vem fazer, manda-mo	ku
de vez em quando	ART pessoas quero	INTGR	vem fazer, mandam-1SG	INTG
ê	faz [SALVH3] ¹¹			
1SG	faz			
“de vez em quando as pessoas querem que (eu) vá fazer e mandam(-me) que eu faça – PE”				

(6) PA:

eu nõ tenho canoa,	ku aparado, nõ	tem dinheiro pa	fazê mas canoa	[SALVH3] ¹²
eu não tenho canoa,	ADV parado, não	tem dinheiro	PREP fazer mais canoa”	
“eu não tenho canoa, apenas (estou) parado, não tenho dinheiro para fazer mais canoas – PE”				

(7) PA:

ê	tem um rapaz mais grande	com	trabalha na Andamede	[MINISM3]
1SG	tem um rapaz mais grande	REL	trabalha na Andamede	
“eu tenho um rapaz mais velho que trabalha em Andamede – PE”				

No PTG, o elemento “com” detém apenas a função de preposição, embora apresentando sentidos distintos (p.e. companhia, posse, causa, oposição, concomitância, meio, instrumento, matéria, idade, progressividade etc.). Paralelamente, pode entrar em locuções adverbiais (p.e. “*com certeza*”) e em locuções

10 Atente-se ao sincretismo fônico da forma “kwe” do santome, que traduz a supressão e crase ocorrida entre os elementos gramaticais “ku” (substrato) e “que” (LA).

11 Figueiredo (2010, p. 141, dado [163], renumerado e atualizado).

12 Figueiredo (2010, p. 141, dado [162], renumerado e atualizado).

prepositivas (p.e. “*de acordo com*”), introduzir complementos de substantivos (exemplo (8a)), adjetivos (exemplo (8b)) e verbos (exemplo (8c)):

(8) PE:¹³

- a. Sou **contrário** ao acordo com o inimigo
- b. Ninguém está de todo **contente** com a sua sorte
- c. **Combinei** com ele ir à praia

“Com” aplica-se também em realizações com verbos que constituem variantes do verbo “ter” (exemplo (9)), uma estratégia de elevada frequência no PA, em que se regista um total de 84 ocorrências, repartidas por 65 recorrendo ao elemento “com” e 19 à sua variante “co”, isto é, 3.8% e 1.1% do total dos itens, respectivamente. Este tipo de realizações no PA pode originar frases que seriam agramaticais no PE – veja exemplo (10) –, mas que têm respaldo em línguas do grupo niger-congo atlântico, substratos do santome. No quimbundo,¹⁴ por exemplo, as construções com o verbo “ter” são inexistentes, dando sempre lugar à forma “estar com” (cf. Mingas, 2000, p. 83). Deste modo, são também comuns, no português vernacular de Angola (doravante, PANG), sentenças de estrutura idêntica às do PA (exemplo (11)):

(9) PE:

Estou **com** dor de dentes > **Tenho** dor de dentes

(10) PA:

essa roupa que seôr tá **co** ele [ABILH2]
 essa roupa REL senhor (es)tar PREP 3SG
 “essa roupa que o senhor tem/traz vestida. – PE”

(11) PANG:

A fome está **comigo** (Mingas, 2000, p. 83)
 “Tenho fome. – PE”

Comparando os exemplos (10) e (1a), que aqui se recupera como exemplo (12) para melhor entendimento e comparação, verifica-se que estamos face a itens morfologicamente distintos (preposição e relativizador), que estabelecem uma

¹³ Exemplos retirados de Casteleiro (2001, vol. 1, p. 872).

¹⁴ Para designação dos grupos linguísticos, famílias e línguas africanas, foi seguida a proposta ortográfica de Fiorin & Petter (2008, p. 13).

relação de homofonia entre si, daí termos optado por grafá-los de forma distinta, ou seja, como “co” e “ku”:

(12) PA:

dia **ku** ele tem, ele dá, mas dia que ele nó tem, ele nó tem mesmo [SALVH3]
 “nos dias (em) **que** ele tem, ele dá, mas nos dias (em) que ele não tem, ele não tem mesmo – PE”

No caso da preposição “com” da LA, tal como acontece no PE, ela sofre elisão da consoante final quando se lhe segue uma vogal, sobretudo se esta for representada por um determinante artigo definido (cf. Casteleiro, 2001, vol. 1, p. 872):

(13) PE:

Ontem fui ter **co’o** João/**co’a** Maria ao Café Lisboa

Apesar de esta preposição cumprir a sua função gramatical com diversos usos desviados no PA – veja exemplos (14a), (14b) e (14c) –, não será ela a intervir nas sentenças relativizadas como as do exemplo (12) nem a actuar em construções de coordenação do tipo das representadas em (15) e (5), esta última recuperada como exemplo (16) para melhor entendimento:

(14) PA:

- a. É sim, é um bocado longe **com** aqui [MANOH3]
 “É sim, é um bocado longe **daqui** – PE”
- b. Branco també falava com eles **com** português só [ABILH2]
 “O branco também falava com eles só **em** português – PE”
- c. Eis nó tem nada **co** a vê com problema **com** seôr **com** madeira [ABILH2]
 “Eles não tiveram nada **a** ver com o problema **da** madeira **do** senhor – PE”

(15) PA:

Primeiro é pré **ku** depois fui pa 1^a [OSVALM1]
 “Primeiro foi a pré [primária] **e** depois fui para a 1^a [classe] – PE”

(16) PA:

de vez quando **ku** gente quero **ku** vem fazer, manda-mo **ku**
 de vez em quando ART pessoas quero INTGR vem fazer, mandam-1SG INTG
 ê faz [SALVH3]
 1SG faz
 “de vez em quando as pessoas querem que (eu) vá fazer e mandam(-me) que eu
 faça – PE”

Estas inferências são sustentadas, desde logo, pelo fato de, por vezes, o elemento “ku” surgir realizado antes de consoantes (exemplos (15) e (16)), que, no caso do uso da preposição, impedem o processo de elisão da consoante final, tal como sucede nos exemplos (14b) e (14c). Portanto, estando impedida a elisão, se o elemento gramatical aplicado fosse a preposição, teria que ser realizado com a forma “com” e nunca “co”.

Quanto à situação da elisão preposicional em que a vogal seguinte é representada por determinante artigo definido, dever-se-á igualmente ter em conta que o uso deste item gramatical no PA evidencia paralelismos com o do seu substrato crioulo (Figueiredo, 2010, p. 94), ocorrendo também a variação do tipo ternário que caracteriza as línguas reestruturadas por *transmissão linguística irregular*. Deste modo, no PA o determinante artigo definido pode:

(i) surgir sob a forma do determinante do PE “o(s)/a (s)” (exemplo (17)):

(17) PA:

É **os** meus pai que me deu essa ideia [OSVALH1]
 “Foram os meus pais que me deram essa ideia – PE”

(ii) ser omitido, configurando construções bastante recorrentes com nomes nus (doravante, NN’s) (exemplos (14b), (18a) e (18b)):

(18) PA:

a. faço trabalhos caseira até tarde [CARMOM1]
 “faço os trabalhos caseiros até tarde – PE”

b. E amigo meu tinha uma mulher [OSVALH1]
 “E o meu amigo tinha uma mulher – PE”

(iii) aparecer representado pelo pronome pessoal 3ª pessoa do plural “eles” (exemplo (19)), que estabelece paralelismo sintático e estrutural com o determinante definido

inen (exemplo (20b)) do substrato, homófono do pronome pessoal, 3ª pessoa plural, possivelmente proveniente do pronome do edo,¹⁵ língua do grupo niger-congo atlântico falada na Nigéria. O item *inen* é colocado em posição pré-nominal para funcionar como marcador de flexão de número, isto é, como elemento que determina a inserção da marcação plural em nomes de traço [+humano] ou suas extensões. Quanto aos restantes itens do sintagma nominal (doravante, SN), mantêm-se invariáveis, sendo iguais para o singular e para o plural:

(19) PA:

outra pessoa foi tirô **eles** rôpa, viu arma aqui [ZECAH1]
 “outra pessoa foi buscar a(s) roupa(s) e viu a arma lá – PE”

(20) SANTOME:

a. ome plejidu
 homem preguiçoso
 “o homem preguiçoso – PE”

b. **inen** ome plejidu
 3PL homem preguiçoso
 “os homens preguiçosos – PE”

Estruturalmente, o sistema de marcação plural no SN do santome estabelece paralelismos quer com línguas do grupo niger-congo (exemplo (21)) quer com construções do PA (exemplo (22)):

(21) IORUBÁ:

àwon omo¹⁶
 3PL criança
 “as crianças – PE”

15 Tendo em conta que o edo (Nigéria) é o mais antigo e mais significativo substrato dos crioulos do Golfo da Guiné, a etimologia de *inen* radicar-se neste dialecto, apontando Alexandre & Hagemeyer (2007, p. 40, nota 5) três possíveis origens para a mesma: (i) terceira pessoa plural do pronome fraco e forte *iran* “eles”, do qual *inen* é homófono; (ii) determinante definido (*n)ene* “o”; (iii) pronome demonstrativo *ene/enena* “estes/estas”, aparentemente relacionados a (ii) (cf. Melzian, 1937; Agheyisi, 1990, *apud* Alexandre & Hagemeyer, 2007).

16 Figueiredo (2010, p. 61, dado [39], renumerado). Exemplo disponível em: <<http://www.abeokuta.org/yoruba.htm>>. Acesso em 24 maio 2010.

(22) PA:

já trabalhê **esses** lugar tudo [LUISH2]
 “já trabalhei nesses lugares todos – PE”

No que diz respeito à variação com NN's no PA, embora consideremos que a mesma é governada pelo conjunto de traços lexicais que direcionam a sintaxe, não se deve deixar também de ter em conta o fato de ela refletir aquilo que acontece no substrato, ou seja, no santome. Conforme apontado por Figueiredo (2010: p. 70-71), o uso de NN's neste crioulo apresenta uma distribuição e interpretação livre a nível gramatical, mas que é restringida pela componente extra-gramatical. Assim, os NN's podem ser licenciados somente na interface entre o nível gramatical e extra-gramatical, que relaciona o discurso à pragmática (Alexandre & Hagemeyer, 2007, p. 49). Consequentemente, o uso da forma “ku” no PA, antecedendo nomes marcados pelo determinante artigo definido no PE, não estará a evidenciar necessariamente uma situação de elisão da consoante final da forma “com”, visto que se estará na presença de NNs, isto é, nomes que ocorrem sem o determinante artigo definido que ativaría o fenómeno da supressão consonantal.

Por último, tem também de ser tido em conta que os padrões morfológicos e sintáticos das alternâncias linguísticas são regidos por regras gramaticais específicas e fronteiras especiais nas quais a alternância de códigos pode ocorrer. Assim, a literatura da especialidade tem apontado alguns constrangimentos que impedem a alternância de códigos (Figueiredo, 2010, p. 392, nota de rodapé 58):

- (i) o “Constrangimento do Morfema Livre” (*Free-morpheme Constraint*), que determina que a alternância de códigos não pode ocorrer entre morfemas presos (Sankoff & Poplack, 1980);
- (ii) o “Constrangimento da Equivalência” (*Equivalence Constraint*), que advoga que a alternância de códigos apenas pode acontecer em posições onde a ordem de dois dos elementos da frase (um antes e outro depois da alternância) não é excluída em nenhuma das gramáticas (Sankoff & Poplack, 1980);
- (iii) o “Constrangimento das Classes Fechadas” (*Closed-class Constraint*), que entende que os itens que constituem classes fechadas não podem ser alternados (Joshi, 1985);
- (iv) o “*Matrix Language Frame Model*”, que faz a distinção entre as regras das línguas detidas pelo falante (Myers-Scotton, 1997);
- (v) o “Constrangimento do Núcleo Funcional” (*Functional Head Constraint*), que indica que a alternância de códigos não pode ser aplicada entre um núcleo funcional (um determinante, uma flexão, etc.) e o seu complemento (SN, SV, etc.) (Belazi; Rubin & Toribio, 1994).

No caso específico do “Constrangimento da Equivalência”, é apresentado o seguinte exemplo, para justificação do seu pressuposto (Sankoff & Poplack, 1980, p. 18):

I like you **porque** eres simpatico (“I like you **because** you are likable”).

Como se verifica, ocorre alternância de códigos porque há uma obediência às regras de formação das orações de ambas as línguas (orações causais no exemplo fornecido para o espanhol e para o inglês), que é exactamente o que sucede nas situações apontadas para as SRELs introduzidas por “ku” no PA. Por seu lado, o princípio do “Constrangimento das Classes Fechadas” (Joshi, 1985) vai intervir precisamente sobre as preposições, impedindo que ocorra transferência destes elementos morfológicos no processo de reestruturação do PA L1 nativizado. Uma evidência acerca da impossibilidade de estes itens serem transferidos é-nos fornecida por Figueiredo (2010, p. 77-78), a propósito da preposição “ku” do quimbundo, uma das três que introduzem os complementos circunstanciais de lugar, com referência a direcção, lugar de destino distante, interioridade e proveniência. Esta preposição estabelece correspondência com as preposições “a”, “em”, “para” e “de” do PE. Contudo, no quimbundo, as preposições podem ser pré-afixadas aos nomes ou pronomes, formando então SN’s com valor espacial:

(23) QUIMBUNDO:

mwene	wamuya	ku bata (Mingas, 2000, p. 75)
	[u-amuya]	[ku -(di)bata]
3SG	AFX3SG+PROG+ir	LOC+casa
“ele vai para casa – PE”		

O PTG, por seu lado, possui um sistema de preposições mais extenso para expressar as funções espaciais (*a, ante, após, até, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sob, sobre, trás*), podendo algumas destas preposições surgir contraídas com os definidos, os indefinidos (artigos e pronomes), os pronomes pessoais e os pronomes demonstrativos. Deste modo, como os falantes de L1’s banto em situação de aquisição do português L2 não conseguem estabelecer as funções fornecidas pelas diversas preposições do PE – nem perceber distintamente as suas contrações –, acabam por produzir ocorrências que se revelam agramaticais no PE (Figueiredo, 2010, p. 78, apud Mingas, 2000, p. 76). No entanto, aplicam sempre a preposição da LA, como se pode verificar no exemplo (24), extraído de

dados de fala do português do Município do Libolo, Província do Kwanza-Sul, Angola (doravante, PLB):¹⁷

(24) PLB:

Acora de sair aí **no** Luate pra ir **na** vila [VACHIH5]¹⁸

“Agora, ao sair **do** Luati para ir **para** a vila – PE”

Como a alternância de códigos está impossibilitada nas situações que envolvem preposições, no PLB são possíveis realizações como a do exemplo anterior, mas sentenças como a do exemplo (25) tornam-se agramaticais, já que envolveriam uma transferência preposicional:

(25) PLB:

Acora de sair aí ***ku** Luate pra ir ***ku** vila

No PA, a não identificação das funções das preposições do PTG é também uma evidência,¹⁹ a ponto de aquelas que introduzem circunstanciais de lugar poderem ser adoptadas para exprimir situações que se demarcam da referência espacial (exemplos (26) e (27)) ou serem aplicadas de forma redundante (exemplo (28)):

(26) PA:

o quê que ocê faz de manhã até **na** hora que ocê vai dormir **de** noite? [OSVALH1]

“o que é que você faz desde a manhã até **à** hora em que você vai dormir **à** noite – PE”

(27) PA:

o irmão também que stava **na** xofer na Praia Conchas [CELESH3]

“o irmão que também era chofer/motorista na Praia das Conchas – PE”

(28) PA:

daqui ê fui **para até** hospital [OSVALH1]

“daqui, eu fui **ao/para** o hospital – PE”

17 Projeto “Município do Libolo, Kwanza-Sul, Angola: aspectos linguístico-educacionais, histórico-culturais, antropológicos e sócio-identitários” (também designado “Projeto Libolo”) (julho de 2013), coordenado por Carlos Filipe G. Figueiredo (Universidade de Macau, China) e Márcia Santos Duarte de Oliveira (Universidade de São Paulo, Brasil). Para informações detalhadas sobre o Município do Libolo, Província do Kwanza-Sul, Angola, e características do português falado na região (L1 e L2), sugere-se a consulta de Figueiredo & Oliveira (2013, p. 115-128).

18 Dado produzido por informante falante do PLB L2.

19 Veja exemplos (14a), (14b) e (14c).

3.1 Conclusões parciais

Dado que a alternância de códigos e interferências dependem de um conjunto de princípios linguísticos abstratos e, ao que tudo indica, baseados em aspectos cognitivos (Figueiredo, 2010, p. 141, apud Myers-Scotton, 1997, p. 187), conclui-se que o relativizador “ku”, apesar de emergir na produção linguística, tem o léxico como base, ou seja, a forma usada na língua do substrato. Tal acontece porque as estruturas gramaticais estão contidas em lemas (as entradas abstratas no léxico mental do falante) e incluem os aspectos fonológicos de um elemento de informação lexical. Por outras palavras: competirá ao nível conceptual dos falantes bilingues de Almojarife, o mais abstrato da sua produção linguística, a seleção dos lemas que vão ser ativados. Deste modo, quando os almojarifanos têm necessidade de elaborar construções relativizadas ou de coordenação/subordinação, a decisão sobre a língua que vai conceder os lemas a serem activados já se encontra feita *a priori* (cf. Figueiredo, 2010, p. 141). Portanto, a estrutura dos enunciados com relativas vai estar dependente das condições pragmáticas e sociopragmáticas que determinam as situações de fala, e não dos itens da LA que deveriam intervir na elaboração da estrutura gramatical da interlíngua.

4 A RELATIVIZAÇÃO COM RECURSO AOS ELEMENTOS “KU” E “COM”

Seguindo a metodologia aplicada em determinados estudos sobre SREL's (p.e. Ribeiro, 2009),²⁰ analisaremos, na presente seção, as estratégias de relativização do PA, com recurso aos relativizadores “ku” e “com”. Para tanto, assume-se que a intervenção destes elementos na elaboração de tais sentenças é restringida pelos princípios universais inatos. Para levar a cabo tais observações, constituiram-se duas variáveis dependentes (sentenças relativas realizadas com o relativizador “ku”; e sentenças relativas realizadas com o relativizador “com”) e cinco variáveis linguísticas independentes. As variáveis linguísticas independentes e respetivos

20 Ribeiro (2009) discute as estratégias de relativização e sintaxe das sentenças relativas na fala de comunidades rurais afro-índigenas isoladas do Estado da Bahia, assumindo que a construção da gramática de uma língua é restringida por princípios universais inatos. No estudo, são definidos e apresentados os tipos de relativas dos *corpora* analisados, observando-se, seguidamente, como se dá a relativização em relação às estratégias, ao encaixamento e às funções sintáticas dos marcadores de relativas. A autora fecha o estudo argumentando quer contra a hipótese da deriva quer contra evidências de criouliização prévia nas falas analisadas. Em contrapartida, assume que essas falas foram objeto de *transmissão linguística irregular* e, conseqüentemente, sujeitas a perda e a reanálise morfológica.

fatores – bem como exemplos para cada um deles²¹ – encontram-se discriminados nas tabelas das Subseções 4.1, 4.2, 4.3, 4.4 e 4.5, que se seguem.

O *corpus* submetido à análise registra 123 SREL's, sendo as construções sincréticas com recurso ao elemento transferido do substrato (“ku”) aquelas que apresentam maior produção (111 > 90.2%), enquanto as sentenças que aplicam de modo desviado o item da LA (“com”) exibem apenas 12 ocorrências (9.8%). Nas tabelas em que apresentamos os resultados das nossas observações, optámos por fazê-lo tendo em conta as diferentes faixas etárias bem como os distintos níveis de escolaridade dos informantes almojarifanos.²² Desta forma, é possível inferir acerca da influência que cada uma destas variáveis sociais exerce nas estratégias de relativização com recurso aos itens “ku” e “com”.

4.1 Tipologia das sentenças relativas com “ku” e “com”

No que diz respeito à tipologia das SREL's (Tabelas 2.1 e 2.2), os informantes produziram 71 relativas determinativas, sendo 59 com a forma “ku” (48.0% do total de relativas) e 12 com o relativizador “com” (9.8% do total de relativas). Por seu lado, as relativas apositivas apresentam 49 realizações, todas com o item “ku”. Regista-se apenas um caso de uma relativa semilivre, do tipo cortadora (com “ku”), enquanto as relativas livres caem fora do âmbito da presente análise, visto que são sempre introduzidas por um pronome relativo (p.e. *onde, quem, quando...*) e nunca por um complementador nulo ou por um relativizador do tipo “ku”.

Observando a tipologia das relativas por faixas etárias e escalão de escolaridade (Tabelas 2.1 e 2.2), torna-se evidente que as construções relativas com recurso ao elemento “ku” são, na sua maior parte, da responsabilidade das faixas etárias mais velhas e das camadas menos escolarizadas. Note-se ainda que quer a faixa etária mais nova quer os membros com escolaridade alta não aplicam o item reestruturado “com”, cuja flutuação no uso ao encontro da aquisição da forma “que” da LA é também um exclusivo das camadas mais idosas e de baixa ou nula escolarização.

21 Por restrições de espaço imposto pelo editor, apresenta-se só um exemplo (“ku” ou “com”) para cada um dos fatores.

22 Níveis de escolaridades constituídos: analfabetos; escolaridade baixa (frequência do ensino primário); escolaridade média (ensino primário concluído); e escolaridade alta (frequência do ensino pós-primário).

Tabela 2.1. Relativizadores “com/ku”: tipologia da sentença relativa.
[Realizações por faixas etárias]

Tipologia	Forma “com”			Forma “ku”			Total (com/ku)
	FE1	FE2	FE3	FE1	FE2	FE3	
Relativa restritiva ou determinativa	–	4 (3.3%)	8 (6.5%)	4 (3.3%)	16 (13.0%)	39 (31.7%)	12/59 (9.8% – 48.0%) [71]
Relativa não restrita ou apositiva	–	–	–	1 (0.8%)	12 (9.8%)	36 (29.3%)	– /49 (0% – 39.8%) [49]
Relativa livre	–	–	–	–	–	–	–
Relativa semilivre	–	–	–	–	1 (0.8%)	2 (1.6%)	– /3 (0% – 2.4%) [3]
FE1 = 20-40 anos; FE2 = 41-60 anos; FE3 = + 60 anos						Totais	12/111 [123]

Exemplos retirados do *corpus* do PA:

1. Relativa determinativa: “*pacurá gente **ku** juda puxá canoa pa casa*” [MINISM3]
2. Relativa apositiva: “*Passa Almas, **ku** tem mercado lá*” [MINISM3]
3. Relativa semilivre: “*vinte conto só **ku** ele paga*” [CLOTIM2]

Tabela 2.2. Relativizadores “com/ku”: tipologia da sentença relativa.
[Realizações por níveis de escolaridade]

Tipologia	Forma “com”				Forma “ku”				Total (com/ku)
	Anb.	Bx.	Md.	At.	Anb.	Bx.	Md.	At.	
Relativa restritiva ou determinativa	5 (4.6%)	5 (4.6%)	2 (1.6%)	–	24 (19.5%)	23 (18.7%)	11 (8.9%)	1 (0.8%)	12/59 (9.8% – 48.0%) [71]
Relativa não restrita ou afirmativa	–	–	–	–	17 (13.8%)	26 (21.1%)	6 (4.9%)	–	– /49 (0% – 39.8%) [49]
Relativa livre	–	–	–	–	–	–	–	–	–
Relativa semilivre	–	–	–	–	–	2 (1.6%)	1 (0.8%)	–	– /3 (0% – 2.4%) [3]
								Totais	12/111 [123]

Anb. = Analfabetos; Bx.= Escolaridade baixa;
Md. = Escolaridade média; At. = Escolaridade alta

4.2 Sentenças relativas existenciais e de posse com “ku” e “com”

Nas Tabelas 3.1 e 3.2, é possível ver que as relativas existenciais apresentam 16 ocorrências, sendo 3 com recurso à forma “com” (0.2% das relativas produzidas) e 13 com o relativizador “ku” (0.8% das relativas produzidas). Apresentam-se três exemplos de relativas existenciais, a fim de se notar a alternância aplicada no PA entre os verbos *ter*, *estar* e *haver*.

Por seu lado, as relativas de posse apresentam apenas 9 realizações (0.5% do total de relativas realizadas), todas com a forma “ku”. Contudo, este aspecto é compreensível, dado que estas sentenças competem com as construções com “estar com”, uma forma que possui sentido de posse e que é bastante produtiva no PA. Mais uma vez, é também patente, nas Tabelas 3.1 e 3.2, a tendência para a aplicação dos relativizadores “ku” e “com” pelas faixas etárias mais idosas e menos escolarizadas, por contraste com o abandono do uso das mesmas nos escalões mais novos e mais escolarizados.

Tabela 3.1. Relativizadores “com/ku”: relativas existenciais *vs* relativas de posse.
[Realizações por faixas etárias]

Posse/Existência	Forma “com”			Forma “ku”			Total (com/ku)	
	FE1	FE2	FE3	FE1	FE2	FE3		
Não aplicável	375	549	326	40	125	209	1250/374 [1624]	
Relativa existencial	–	–	3 (2.4%)	1 (0.8%)	6 (4.9%)	6 (4.9%)	3/13 (0.2% – 0.8%) [16]	
Relativa de posse	–	–	–	–	2 (1.6%)	7 (5.8%)	–/9 (0% – 0.5%) [9]	
FE1 = 20-40 anos; FE2 = 41-60 anos; FE3 = + 60 anos							Totais	1253/396 [1693]

Exemplos retirados do *corpus* do PA:

1. Relativas existenciais: *“tem pissoa **ku** ficô até hoje”* [LUISH2]
*“há muito gente **ku** foi”* [CLOTIM2]
*“essa loja **ku** stáva lá”* [MANOH3]
2. Relativa de posse: *“eu pode trabalhá sito **ku** tem ele”* [LUISH2]

Tabela 3.2. Relativizadores “com/ku”: relativas existenciais *vs* relativas de posse.
[Realizações por níveis de escolaridade]

Posse/Existência	Forma “com”				Forma “ku”				Total (com/ku)
	Anb.	Bx.	Md.	At.	Anb.	Bx.	Md.	At.	
Não aplicável	347	312	403	188	141	16	71	9	1250/374 (73.8% – 22.1%) [1624]
Relativa existencial	2 (1.6%)	1 (0.8%)	–	–	6 (4.9%)	2 (1.6%)	4 (3.3%)	1 (0.8%)	3/13 (0.2% – 0.8%) [16]
Relativa de posse	–	–	–	–	2 (1.6%)	7 (5.8%)	–	–	–/9 (0% – 0.5%) [9]
								Totais	1253/396 [1693]

Anb. = Analfabetos; Bx.= Escolaridade baixa;
Md. = Escolaridade média; At. = Escolaridade alta

4.3 Estratégias de formação das sentenças relativas com “ku” e “com”

A fim de se observarem as restrições universais que actuam no sistema de relativização com recurso aos elementos “ku” e “com”, fez-se o levantamento das estratégias de formação de *SREL*s aplicadas pelos falantes almojarifanos, levando em conta as propostas avançadas em outros estudos para esse efeito (Keenan & Comrie, 1977; Ribeiro, 2009; Lucchesi, 2010):

- (i) estratégia de lacuna com complementador;
- (ii) estratégia do pronome resumptivo (relativa copiadora);
- (iii) estratégia do pronome relativo.

Em Almojarife, as estratégias de relativização (Tabelas 4.1 e 4.2) apontam a da lacuna com complementador como a mais produtiva, totalizando 117 ocorrências (95,1% das relativas produzidas), contra 6 estratégias que aplicaram o pronome resumptivo (4,9%), todas configurando relativas cortadoras. A estratégia de pronome relativo não foi levada em consideração nesta análise, que se debruça apenas sobre as formas relativizadoras “ku” e “com”.

Tabela 4.1. Relativizadores “com/ku”: estratégias de formação das SREL’s.
[Realizações por faixas etárias]

Tipo de sintagma	Forma “com”			Forma “ku”			Total (com/ku)
	FE1	FE2	FE3	FE1	FE2	FE3	
Lacuna com complementador	–	4 (3.3%)	7 (5.7%)	4 (3.3%)	29 (23.6%)	73 (59.3%)	11/106 (8.9% – 91.1%) [117]
Pronome resumptivo (relativa copiadora)	–	–	1 (0.8%)	1 (0.8%)	–	4 (3.3%)	1/5 (0.8% – 4.1%) [6]
Pronome relativo	–	–	–	–	–	–	–
FE1 = 20-40 anos; FE2 = 41-60 anos; FE3 = + 60 anos						Totais	12/111 [123]

Exemplos retirados do *corpus* do PA:

1. Lacuna com complementador: “há *pissoas* *daqui* **ku** *conheceram*” [CARMOM1]
2. Pronome resumptivo: “*Desse nesse tempo* **ku** *nós tá* **nele**” [MINISM3].

Tabela 4.2. Relativizadores “com/ku”: estratégias de formação das SREL’s.
[Realizações por níveis de escolaridade]

Tipo de sintagma	Forma “com”				Forma “ku”				Total (com/ku)
	Anb.	Bx.	Md.	At.	Anb.	Bx.	Md.	At.	
Lacuna com complementador	5 (10.9%)	4 (7.1%)	2 (10.0%)	–	41 (89.1%)	47 (83.9%)	17 (85.0%)	1 (100%)	11/106 (8.9% – 86.2%) [117]
Pronome resumptivo (relativa copiadora)	–	1 (1.8%)	–	–	–	4 (7.1%)	1 (5.0%)	–	1/5 (0.8% – 4.1%) [6]
Pronome relativo	–	–	–	–	–	–	–	–	–
								Totais	12/111 [123]

Anb. = Analfabetos; Bx.= Escolaridade baixa;
Md. = Escolaridade média; At. = Escolaridade alta

4.4 Função sintática dos relativizadores “ku” e “com”

O passo seguinte do trabalho consistiu em analisar a função sintática do relativizador, conforme Tabelas 5.1 e 5.2.

Tabela 5.1. Relativizadores “com/ku”: função sintática do relativizador.
[Realizações por faixas etárias]

Função sintática	Forma “com”			Forma “ku”			Total (com/ku)	
	FE1	FE2	FE3	FE1	FE2	FE3		
Sujeito	–	3 (2.4%)	6 (4.9%)	2 (1.6%)	20 (16.2%)	52 (42.3%)	9/74 (7.3% – 60.2%) [83]	
Objeto direto	–	1 (0.8%)	1 (0.8%)	2 (1.6%)	5 (4.0%)	14 (11.4%)	2/21 (1.6% – 17.1%) [23]	
Objeto indireto	–	–	–	–	–	–	–	
Oblíquo	–	–	1 (0.8%)	1 (0.8%)	4 (3.3%)	10 (8.1%)	1/15 (0.8% – 12.2%) [16]	
Genitivo	–	–	–	–	–	1 (0.8%)	–/1 (0% – 0.8%) [1]	
Objeto de comparação	–	–	–	–	–	–	–	
FE1 = 20-40 anos; FE2 = 41-60 anos; FE3 = + 60 anos							Totais	12/111 [123]

Exemplos retirados do *corpus* do PA:

1. Sujeito: “*esse ovo **ku** parte, gente dá*” [CLOTIM2]
2. Objeto direto: “*Tinha mais indução, ouvia coesa **com** os pais fala*” [CLOTIM2]
3. Oblíquo: “*chegô acasião **ku** pissôr que me tirô calça*” [OSVALM1]
4. Genitivo: “*mase dia de **ku** ê lembro dia dele prope*” [MINISM3]

Tabela 5.2. Relativizadores “com/ku”: função sintática do relativizador.
[Realizações por níveis de escolaridade]

Tipo de sintagma	Forma “com”				Forma “ku”				Total (com/ku)
	Anb.	Bx.	Md.	At.	Anb.	Bx.	Md.	At.	
Sujeito	3 (2.4%)	5 (4.0%)	1 (0.8%)	–	31 (25.2%)	32 (26.0%)	10 (8.1%)	–	9/74 (7.3% – 60.2%) [83]
Objeto direto	1 (0.8%)	–	1 (0.8%)	–	7 (5.7%)	9 (7.3%)	5 (4.0%)	1 (0.8%)	2/21 (1.6% – 17.1%) [23]
Objeto indireto	–	–	–	–	–	–	–	–	–
Oblíquo	1 (0.8%)	–	–	–	3 (2.4%)	9 (7.3%)	3 (2.4%)	–	1/15 (0.8% – 12.2%) [16]
Genitivo	–	–	–	–	–	1 (0.8%)	–	–	–/1 (0% – 0.8%) [1]
Objeto de comparação	–	–	–	–	–	–	–	–	–
								Totais	12/111 [123]

Anb. = Analfabetos; Bx.= Escolaridade baixa;
Md. = Escolaridade média; At. = Escolaridade alta

Os informantes de Almojarife realizaram as seguintes SREL's (Tabelas 5.1 e 5.2): (i) 83 com os relativizadores em função de sujeito (“ku” > 74 realizações = 60.3%; “com” > 9 realizações = 7.3%); (ii) 23 com os relativizadores em função de objeto direto (“ku” > 21 realizações = 17.1%; “com” > 2 realizações = 1.6%); (iii) 16 com os relativizadores em função de oblíquo (“ku” > 15 realizações = 12.2%; “com” > 1 realização = 0.8%); (iv) 1 com o relativizador “ku” desempenhando a função de genitivo (0.8%). Não foram atestadas SREL's com os relativizadores “ku” e “com” desempenhando quer a função de objeto indireto quer a de objeto de comparação.

Analisando a função do elemento relativizador nas SREL's de diferentes famílias de línguas, Kennan & Comrie (1977, p. 66) avançam com a proposta universal da Hierarquia da Acessibilidade (*Accessibility Hierarchy*). Segundo os

autores, essa hierarquia determina um sistema rígido e inalterável quanto à acessibilidade da relativização, por parte das posições sintáticas:

SUJ > OD > OIND > OBL > GEN > Objeto de Comparação

Ribeiro (2009, p. 192), apesar de concordar que a estratégia mais recorrente de relativização nas línguas humanas é a de elaboração de um maior número de SREL's na posição de sujeito, não confirma os pressupostos da Hierarquia da Acessibilidade no *corpus* colectado com recurso à fala de informantes de diferentes localidades do interior da Bahia. No que diz respeito à função sintática relativizada, é avançada a seguinte proposta:

SUJ > OBL > OD > OIND > GEN

Contudo, Ribeiro (2009, p. 193) entende que a diferença do padrão poderá ser explicada

em termos de viés do *corpus*, pois os documentadores fazem muitas perguntas sobre ONDE e QUANDO.

Para se observar como as SREL's com relativizadores “ku” e “com” encaixam nas distintas funções sintáticas, procedeu-se ao cruzamento entre as variáveis independentes *função sintática do relativo* e *estratégias de formação das SREL's*. De acordo com Slobin (1986), a estratégia de encaixamento na função de objeto direto permite que a mesma possa ocorrer na posição mais à direita do constituinte, levando as línguas humanas a darem primazia a este tipo de encaixamento. Esta particularidade é confirmada pelos dados de Romaine (1988), Ribeiro & Figueiredo (2006) e Ribeiro (2009).

Dado que o *corpus* de Almoxarife apenas possui 5 SREL's copadoras, centramos a nossa atenção na *estratégia de lacuna com complementador*, que regista 106 realizações – veja Tabelas 4.1.e 4.2. No essencial, os resultados de Almoxarife demarcam-se das propostas de Slobin (1986), indo ao encontro dos pressupostos da Hierarquia da Acessibilidade (Kennan; Comrie, 1977, p. 66) e originando o seguinte esquema estrutural:

Estratégia de lacuna com complementador:

SUJ (67.5%) > OD (18.7%) > OBL (13.0%) > GEN (0.8%) > OIND (-)

Note-se que este padrão evidencia apenas a estratégia de encaixamento das SREL's com os relativizadores “ku” e “com” no PA, podendo não refletir o padrão geral de encaixamento. De fato, no presente trabalho, não foram analisadas as estratégias com os restantes relativizadores, nomeadamente “que”.

4.5 Estratégias de relativização com “ku” e “com”

No que respeita às estratégias de relativização, apontam-se três possibilidades nas línguas humanas:

- (i) relativas canónicas;
- (ii) relativas com lacuna do tipo *pied piping*, isto é, relativas específicas das posições com preposição, próprias das construções adquiridas via escolarização;
- (iii) relativas cortadoras, que representam a oposição às anteriores e surgem conotadas ao recurso menos elaborado, próprio das produções orais.

Nas Tabelas 6.1 e 6.2, é possível ver que a estratégia preferencial vai para as relativas canónicas, que apresentam 104 realizações, correspondendo a 84.6% do total das relativas. Por seu lado, as cortadoras são em número de 18, representando 14.6% das relativas do *corpus* em estudo. Já as relativas *pied piping* possuem apenas uma realização (0.8%).

Tabela 6.1. Relativizadores “com/ku”: estratégia de relativização.
[Realizações por faixas etárias]

Estratégia	Forma “com”			Forma “ku”			Total (com/ku)
	FE1	FE2	FE3	FE1	FE2	FE3	
Relativa canónica	–	4 (3.3%)	6 (4.9%)	4 (3.3%)	24 (19.5%)	66 (53.7%)	10/94 (8.1% – 76.4%) [104]
Relativa <i>pied piping</i>	–	–	–	–	–	1 (1.2%)	–/1 (0% – 0.8%) [1]
Relativa cortadora	–	–	2 (2.4%)	1 (1.2%)	5 (4.0%)	10 (8.1%)	2/16 (1.6% – 13.0%) [18]
						Totais	12/111 (123)

FE1 = 20-40 anos; FE2 = 41-60 anos; FE3 = + 60 anos

Exemplos retirados do *corpus* do PA:

1. Relativa canónica: “Pissoa **ku** jogô bola, fica no meio” [ZECAH1]”
2. Relativa *pied piping*: “mase dia de **ku** ê lembro dia dele prope” [MINISM3]
3. Relativa cortadora: “chegô acasião **ku** pissôr que me tirô calça” [OSVALM1]

Tabela 6.2. Relativizadores “com/ku”: estratégia de relativização.
[Realizações por níveis de escolaridade]

Estratégia	Forma “com”				Forma “ku”				Total (com/ku)
	Anb.	Bx.	Md.	At.	Anb.	Bx.	Md.	At.	
Relativa canónica	4 (3.3%)	4 (3.3%)	2 (1.6%)	–	38 (30.9%)	41 (33.3%)	14 (11.4%)	1 (1.6%)	10/94 (8.1% – 76.4%) [104]
Relativa <i>pied piping</i>	–	–	–	–	–	1 (1.6%)	–	–	–/1 (0% – 0.8%) [1]
Relativa cortadora	1 (1.6%)	1 (1.6%)	–	–	3 (2.4%)	9 (8.1%)	4 (3.3%)	–	2/16 (1.6% – 13.0%) [18]
								Totais	12/111 (123)

Anb. = Analfabetos; Bx.= Escolaridade baixa;
Md. = Escolaridade média; At. = Escolaridade alta

4.6 Conclusões parciais

No PA, a estratégia mais recorrente de relativização com as formas “ku” e “com” confirma os pressupostos da Hierarquia da Acessibilidade (Keenan & Comrie, 1977, p. 66) no que diz respeito à função sintática relativizada. A estratégia privilegia a posição sujeito, que se revela mais acessível à relativização do que as outras.

Por seu lado, o encaixamento das SREL’s nessa mesma posição contraria a tendência geral das línguas humanas, cujas ocorrências são de maior incidência na posição de objeto direto (Romaine, 1988; Ribeiro & Figueiredo, 2006; Ribeiro, 2009). Tal particularidade dificultará o encaixamento na posição mais à direita do constituinte e, conseqüentemente, o processamento deste tipo de sentenças (cf. Slobin, 1986). Portanto, poderá residir aqui a justificação para o frequente registo de SREL’s no PA com ordem dos constituintes que se revela aleatória e agramatical no PTG (exemplo (29)):

(29) PA:

Ku rende bem peixe andala, atum... [MAURIH2]
“O peixe que rende bem é o andala, o atum... – PE”

As estratégias de relativização com recurso às formas “ku” e “com” indicam preferência pela relativização canónica, que configura a quase totalidade das SREL’s do *corpus*. Menos frequentes são as relativas cortadoras, cuja implementação é comum no português do Brasil (doravante, PB) e tem aumentado também no PE (Mateus & Cardeira, 2007, p. 70-2), mas, ainda assim, com um percentual de aplicação significativo no PA. Quanto às SREL’s *pied piping* , são praticamente inexistentes (apenas uma realização), a que não é estranho o fato de ser uma forma de aquisição via escolaridade.

5 CONCLUSÃO GERAL

A generalização de aplicação do relativizador “ku”, sobretudo entre as gerações menos idosas e menos escolarizadas do PA, resulta de transferência do substrato crioulo santome, determinada por aspectos pragmáticos e sociopragmáticos. Esta particularidade terá levado a que, na aquisição massiva do português por africanos e seus descendentes, os pronomes da LA tivessem sido reanalisados como formas específicas de relativas sem antecedente, implementando o uso de relativas cortadoras. Durante o processo de reanálise e aquisição do relativizador “que” da LA, as similaridades fónicas que o mesmo estabelece com a preposição “com”, cuja elisão da consoante final antes de artigo definido masculino singular “o” origina a forma “co”, homófona de “ku”, terá levado à expansão das funções sintáticas das formas “com” e “co”. Por outro lado, essa homofonia terá também conduzido ao uso transitório de “com” como relativizador, que viria a ser abandonado pelas gerações mais jovens e escolarizadas da comunidade, já que estas conseguem estabelecer a diferenciação fónica e morfossintática entre as categorias “com” e “que”. Todavia, a maior aproximação fónica desta última à da forma do substrato “ku” leva a que as duas continuem a conviver no PA, com “ku” estabelecendo quer funções de relativizador, quer preenchendo outras funções sintáticas (p.e. coordenação/subordinação). Ribeiro (2009, p. 208) conclui que a ausência da forma invariável “ku”, quer no PE quer nos dados de afrodescendentes falantes do PB, argumenta em desfavor de indícios de criouliização no segundo. Considerando esta hipótese como uma premissa, então o oposto também será válido: a existência de “ku” invariável no PA não só atesta a anterior criouliização desta variedade de português como confirma também o axioma da transferência.

REFERÊNCIAS

Agheysi RN. A grammar of edo. Unesco; 1990.

Alexandre N, Gonçalves R, Hagemeyer T. A formação de frases relativas de PP no português oral de Cabo Verde e de São Tomé. In: Costa A, Falé I, Brabosa P, organizadores. XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística – Textos seleccionados. 21, 22 e 23 de Outubro de 2010; Porto; Portugal. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística. 2011; p. 17-34. Acessado em 23 fev. 2014. Disponível em: <<http://www.apl.org.pt/apl-actas/xxvi-encontro-nacional-da-associação-portuguesa-de-linguística.html>>.

Alexandre N, Hagemeyer T. Bare-nouns and the nominal domain in Saotome. In: Baptista M, Guéron J, organizadores. Noun phrases in creole languages: a multi-faceted approach. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins; 2007. p. 37-59.

Belazi M, Rubin EJ, Almeida JT. Code switching and x-bar theory: the functional head constraint. *Linguistic Inquiry*. 1994;25(2):221–237.

Brito AM, Duarte I. Orações relativas e construções aparentadas. In: Mateus MHM *et al.*, organizadores. Gramática da língua portuguesa. Lisboa: Caminho; 2006 [2003]. p. 653-694.

Casteleiro JM. Dicionário da língua portuguesa contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa, vols. 1 (A-F) e 2 (G-Z). Academia das Ciências de Lisboa & Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa: Ed. Verbo; 2001.

Ferraz LI. The creole of São Tomé. Reimpressão do *African Studies*, 37 (1/2). Witwatersrand University Press, Johannesburg. Pietermaritzburg, Natal: The Natal Witness (Pty); 1979.

Figueiredo CFG. A concordância plural variável no sintagma nominal do português reestruturado da comunidade de Almoxarife, São Tomé: desenvolvimento das regras de concordância variáveis no processo de transmissão-aquisição geracional, vols. 1 e 2 [tese de doutorado]. Macau: Universidade de Macau, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Português; 2010.

Figueiredo CFG, Oliveira MSD. Português do Libolo, Angola, e português afro-indígena de Jurussaca, Brasil: cotejando os sistemas de pronominalização. *PAPIA*. 2013;23(2):105-185.

Fiorin JL, Petter MMT, organizadores. África no Brasil – a formação da língua portuguesa. São Paulo: Ed. Contexto; 2008.

Franceschina F. Parameterized functional features and SLA. In: Liceras JM *et al.*, organizadores. Proceedings of the 6th generative approaches to second language acquisition conference (GASLA 2002). Somerville: Cascadilla Proceedings Project; 2003. p. 97-105.

Gonçalves P. Towards a unified vision of classes of language acquisition and change: arguments from the genesis of mozambican african languages. *Journal of Pidgin and Creole Languages*. 2004;19(2):225-259.

Hagemijer T. 2000. Verbos e gramaticalização em são-tomense. In: Andrade E *et al.*, organizadores. Crioulos de base portuguesa. Actas do workshop sobre crioulos de base lexical portuguesa. FLUL, 29 e 30 de Abril de 1999. Braga: Associação Portuguesa de Linguística; 2000. p. 111-126

Haiman J. Icon and economic motivation. *Language*. 1983;59:781-819.

Hawkins R. *Second language syntax: a generative introduction*. Oxford: Blackwell; 2001.

Hawkins R, Chan CY. The partial availability of universal grammar in second language acquisition: the failed functional features hypothesis. *Second Language Research*. 1997;13(3):187-226.

Joshi AK. How much context-sensitivity is necessary for assigning structural descriptions: tree adjoining grammars. In: Dowty DR *et al.*, organizadores. *Natural language parsing: theoretical, computational, and psychological perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press; 1985. p. 206-250

Keenan EL, Comrie B. Noun phrase accessibility and universal grammar. *Linguistic Inquiry*. 1977;8:63-99.

Lucchesi D. As orações relativas e as palavras interrogativas no português afro-brasileiro. 10ème Colloque International de l'Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola (ACBPLE). Llacan, Campus CNRS de Villejuif. 01-03 de Julho; Paris, France; 2010.

Lucchesi D, Ribeiro I. Teorias da estrutura e da mudança linguísticas e o contacto entre línguas. In: Lucchesi D, Baxter AN, Ribeiro I, organizadores. *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA; 2009. p. 125-153.

Mateus MHM, Cardeira E. *Norma e variação*. Lisboa: Caminho; 2007.

Melzian HJ. A concise dictionary of the bini language of southern Nigeria. London: Kegan Paul, Trench Trubner & Co; 1937.

Mingas AA. Interferência do kimbundu no português falado em Lwanda. Porto: Campo de Letras Ed; 2000.

Myers-Scotton C. Dueling languages: grammatical structure in codeswitching. New York, NY: Oxford University Press; 1997

Oliveira MSD et al. Repensando a escola em Jurussaca a partir da “norma dos pronomes pessoais da comunidade”. In: Cunha ASA, organizadora. Entendendo quilombos, desconstruindo mitos – a educação formal e a realidade quilombola no Brasil, vol. 1. Guimarães: SETAGRAF; 2011. p. 129-144.

Oliveira MSD et al. O conceito de português afro-indígena e a comunidade de Jurussaca. In: Avelar JO, López LA, organizadores. Dinâmicas afro-latinas: língua(s) e história(s). Frankfurt am Main: Peter Lang; 2015. p. 149-178.

Paradis M. Bilingual and polyglot aphasia. In: Berndt RS, organizadora. Handbook of neuropsychology. 2 ed. Amsterdam: Elsevier; 2001 [1989]. p. 69-91.

Pfaff CW. Constraints on language mixing: intrasentential code-switching and borrowing in Spanish/English. *Language*. 1979;55:291-318.

Poplack S. Sometimes I'll start a sentence in english and y termino en español: towards a typology of code-switching. *Linguistics*. 1980; 18:581-618.

Ribeiro I. As sentenças relativas. In: Lucchesi D, Baxter AN, Ribeiro I, organizadores. O português afro-brasileiro. Salvador: EDUFBA; 2009. p. 185-208.

Ribeiro I, Figueiredo C. As sentenças relativas em atas escritas por africanos no Brasil oitocentista (1832-1842). Salvador: Ms; 2006.

Romaine S. Pidgin and creole languages. New York: Longman; 1988.

Sankoff D, Poplack S. A formal grammar for code-switching. *Working in Papers*. 1980;8:1-55.

Sankof D, Tagliamonte SA, Smith S. Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows. Toronto: Dept. of Linguistics, University of Toronto; 2005. Acesso em 6 maio 2011. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm>.

Sims WR. Fossilization and learning strategies in second language acquisition. *Minne TESOL Journal*. 1989;7:61-72.

Slobin DI. The acquisition and use of relative clauses in turkic and indo-european languages. In Slobin DI, Zimme K, organizadores. *Studies in turkish linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins; 1986. p. 277-298.

Soares C, Grosjean F. Bilinguals in a monolingual and a bilingual speech mode: the effect on lexical access. *Memory and Cognition*. 1984;12:380-386.

Vertentes do português popular do estado da Bahia. 2014. O conceito de transmissão linguística irregular. Acesso em 13 fev. 2014. Disponível em: <<http://www.vertentes.ufba.br/a-transmissao-linguistica-irregular>>.

Recebido em: 17/02/14

Aprovado em: 25/07/14